

O CARÁTER NÃO RORTYANO DA FILOSOFIA DE DEWEY

The non-rortyan character of Dewey's Philosophy

Edna Maria Magalhães do Nascimento
UFPI

Resumo: O presente artigo é uma crítica à interpretação rortyana de Dewey. Nosso propósito é argumentar que as hipóteses de Rorty sobre o pragmatismo deweyano não podem ser confirmadas. Existem diferenças significativas entre a filosofia de Dewey e o neopragmatismo de Rorty. Nesse sentido, faremos objeções a alguns conceitos que aparecem na apropriação rortyana da filosofia de Dewey, a saber, a ideia do fim da filosofia, o relativismo expresso em sua crítica à ciência e a teoria conversacionalista como substituta da epistemologia. Argumentaremos, especialmente, contra a proposta de Rorty, em que o conceito de *linguagem* tomaria o lugar do conceito de *experiência* na obra de Dewey. Assim, apresentaremos a metafísica empírica de Dewey em toda a sua especificidade, mostrando a inadequação da interpretação rortyana, condição que nos ajudará a confirmar o caráter não-rortyano da filosofia de Dewey.

Palavras-chave: Dewey, Rorty, pragmatismo, experiência, metafísica

Abstract : This article is a critique of Rorty interpretation of Dewey. Our purpose is to argue that the hypotheses of Rorty about Dewey's pragmatism can not be confirmed. There are significant differences between the philosophy of Dewey and Rorty's neo-pragmatism. Accordingly, we will object to some concepts that appear in the appropriation of Dewey Rorty's philosophy, namely, the idea of the end of philosophy, relativism expressed in his criticism of the science and theory of epistemology conversacionalista as a substitute. Argue, especially against the proposed Rorty, in which the concept of language would replace the concept of experience in the work of Dewey. Thus, we present empirical metaphysics Dewey in all its specificity, showing the inadequacy of interpretation Rorty, a condition that will help us to confirm a character non-Rorty's philosophy of Dewey.

Keywords: Dewey, Rorty, pragmatism, experience, metaphysics

1. A especificidade da metafísica empírica deweyana

Como sabemos, a metafísica empírica de Dewey se baseia numa noção de *experiência* de inspiração darwiniana, em que historicismo e cientismo se articulam através das interações dialéticas dos organismos vivos com o ambiente. O lado historicista está ligado ao caráter contingente dessas interações no tempo, caráter esse que, em virtude da sua transitoriedade, não fornece critérios minimamente objetivos para lidar com o mundo. O lado cientificista está ligado ao aspecto causal e às regularidades observadas nessas interações, os quais fornecem critérios minimamente objetivos para lidar com o mundo. A articulação dessas duas dimensões possui caráter dialético, mas no sentido de uma dialética sem síntese, pois a contingência histórica e a lógica da investigação se opõem constantemente, possibilitando o avanço em direção a novas interações e novos problemas, sem que se alcance um estágio superior em momento algum. É verdade que essa perspectiva fornece um quadro geral para a compreensão da nossa experiência do mundo, mas tal quadro só pode ser chamado de *metafísico* em sentido atenuado.

Ao contrário do que pensa Rorty, a metafísica de Dewey constitui um fundamento básico do programa do pragmatista. Com efeito, ela tem abertura à contingência, é naturalista e historicista. Assim, articula os instrumentos da experiência reflexiva aos fatos da vida, unifica a experiência do ser e do existir, visando extrair dessa experiência o conhecimento dos *traços gerais da vida*. Em virtude disso, ela precisa ser entendida de modo muito distinto da metafísica clássica. A metafísica de Dewey não está preocupada com disputas sobre a realidade última das coisas, o que ela pretende é a recuperação do ponto de vista humano ao invés de concentrar-se em tentativas de transcender a experiência por meio de diligências impessoais e meramente especulativas. Dewey não está em busca da natureza da coisa em si, de entes absolutos, mas da experiência vivida, de tal maneira que seja possível discutir a tradição filosófica enquanto um produto histórico e social.

Não é pouco significativo o fato de os comentaristas da filosofia de Dewey reconhecerem que a ciência e a lógica, mais do que qualquer outro trabalho de nosso autor, estão baseadas na metafísica naturalista de *Experience and Nature* [Experiência e Natureza]. Dewey desenvolve uma filosofia cuja função é apoiar-se na teoria do comportamento inteligente, ou seja, uma filosofia da experiência que compreende a presença de leis obtidas através da reflexão sobre a realidade circundante, leis essas que são tipicamente humanas e adquiridas no processo evolucionário. Portanto, a lógica, presente na experiência é a da *descoberta* e esta é condição para a restauração da unidade e da integração em filosofia. Quando Dewey propõe a generalização do método científico a todas as áreas do conhecimento humano, ele se refere inclusive ao comportamento usual do homem. Esse conhecimento se origina da perplexidade inicial no manejo com a realidade e tem como objetivo a resolução de problemas. Mas Rorty, segundo Gouinlock, subestima o papel do pensamento científico na conduta

moral¹ e negligencia a preocupação principal de Dewey, que é a relação entre organismos e ambiente. Com isso, Rorty desconsidera as articulações entre o historicismo e o cientismo. No entanto, alguns críticos de Rorty, como veremos, terminam por entrar na mesma lógica do neopragmatista, valorizando um aspecto em detrimento de outro na obra de Dewey, perdendo a oportunidade de compreendê-lo a partir da integralidade do seu sistema.

Aspectos significativos da obra de Dewey foram interpretados a partir de “mal entendidos” que Rorty produziu, como afirma Gouinlock². Esses “mal entendidos” vão desde a concepção de método de Dewey à sua concepção de experiência. No momento, basta dizer que consideramos equivocada a compreensão de Rorty sobre o conceito de *experiência* em Dewey. Como veremos, Rorty não está certo ao descredenciar a metafísica de Dewey afirmando que qualquer outro pensador poderia se comprometer com a noção de experiência, menos Dewey³. Rorty é fiel a Dewey quando considera o esforço do último para escaparmos do empirismo radical e do racionalismo tradicional, mas deixa de ser-lhe fiel ao declarar que Dewey usou um jargão filosófico – *experiência* – como se este fosse isento de dualismos e pretendeu ser mais empírico no método que seus opositores⁴.

Rorty reconhece que Dewey enquanto crítico da cultura filosófica ocidental subverte a metafísica clássica ao rejeitar uma filosofia preocupada com a questão da causa original de tudo, sintetizada numa crença fundacionista. No entanto, Rorty se equivoca quando declara que Dewey não consegue enfrentar de forma crítica os dualismos filosóficos sem tornar-se um kantiano. Dewey, ao contrário de Kant, usa o termo *experiência* em contraposição à visão clássica segundo a qual a experiência é um atributo unicamente da consciência. Ao contrário disso, ele a associa ao termo *natureza*, de tal forma que a *experiência* passa a ser o vínculo entre o ser vivo e seu ambiente, nas mais diversas dimensões da vida. Como empirista, Dewey sabe que todo conhecimento tem origem na experiência, mas a experiência em questão não é a de uma mente solipsista, fechada em si mesma, e sim de uma mente aberta ao mundo natural ao seu redor. A experiência envolve processos contínuos de mudança, de criação e de conexão, proporcionando a constante reformulação da própria

¹ GOUINLOCK, James, What The Legacy instrumentalism? Rorty's Interpretation of Dewey. In: In: Saatkamp Jr., H. J. (ed.). *Rorty and pragmatism. The philosopher responds to his critics*. Nashville and London: Vanderbilt Un Press, 1995, p. 73.

² GOUINLOCK, James, What The Legacy instrumentalism? Rorty's Interpretation of Dewey. In: Saatkamp Jr., H. J. (ed.). *Rorty and pragmatism. The philosopher responds to his critics*. Nashville and London: Vanderbilt Un Press, 1995, p. 86.

³ No que diz respeito ao nosso debate com os diversos intérpretes de Rorty e Dewey, agradecemos ao prof. Paulo Roberto Margutti pelas críticas e sugestões feitas por ocasião das discussões que tivemos durante a elaboração de minha tese de doutorado: Dewey e Rorty: da metafísica empírica à metafísica da cultura.

⁴ RORTY, Richard. Dewey's Metaphysics. In: *Consequences of Pragmatism*. Minneapolis: University of Minnesota Press: 1980, p. 80.

experiência. Ela é sempre imediata, voltada para as coisas que estão no ambiente. Por exemplo, quando observamos um objeto, estamos diante do próprio objeto experienciado e não de uma ideia fabricada pela mente para representá-lo.

A experiência não abstrai os conceitos práticos, de maneira que, como método, livra as definições filosóficas das especulações vazias, orientando-as em direção a uma articulação engajada e conscienciosa com o que é concretamente presente. A metafísica pragmatista pode servir como um guia, uma vez que, tendo sido explorado o terreno – e somente após isso – a experiência fornecerá as informações obtidas para novas explorações. Se levarmos em conta essa caracterização da metafísica empírica, veremos que ela não é uma metafísica da experiência nos moldes kantianos. Nesse sentido, a experiência não é estática e não constitui o “fundamento” ou a “matriz neutra” para as pesquisas futuras.

Ignorando a perspectiva acima, Rorty quer que Dewey saia debaixo da sombra da noção kantiana de que uma “metafísica da experiência” é necessária para fornecer uma “base filosófica” da crítica da cultura e passe à constatação de que as críticas que os filósofos fazem à cultura não são mais “científicas”, mais “fundamentais” ou mais “profundas” do que as críticas de líderes trabalhistas, críticos literários, políticos aposentados ou escultores. O problema da interpretação de Rorty é que ele confunde “metafísica da experiência” kantiana com “metafísica empírica” de Dewey. São duas posições distintas: enquanto a metafísica da experiência de Kant se baseia numa “síntese transcendental”, a metafísica empírica de Dewey se funda na contingência. Kant defende uma concepção de *experiência* em que o realismo empírico se identifica com o idealismo transcendental. Desse modo, só a ciência empírica, que articula intuições sensíveis com conceitos do entendimento, é capaz de produzir uma forma de conhecimento legítimo. A metafísica, que lida com as ideias da razão, desprovida de conteúdo sensorial, não pode produzir um conhecimento legítimo a mesmo título que a ciência empírica.

Dewey, diferentemente de Kant, defende uma concepção de experiência ligada à noção darwiniana das interações do ser vivo com o ambiente, concepção essa que está ligada à contingência e não requer uma síntese transcendental. Numa comparação grosseira, poderíamos dizer que a metafísica empírica deweyana fica apenas com o realismo empírico kantiano, deixando de lado o idealismo transcendental e seus compromissos com especulações abstratas. Nessa perspectiva, uma metafísica entendida como descrição das condições gerais da experiência, ou seja, das condições gerais das interações entre os seres vivos e seus respectivos ambientes, seria possível, embora não pudesse se comprometer com as especulações abstratas de tipo kantiano. E tal metafísica envolveria simultaneamente uma dimensão histórica, ao descrever as condições mutáveis das interações mutáveis entre seres vivos e seus ambientes, e uma dimensão científica, ao se basear nos resultados objetivos dessas interações para retificar hipóteses e fazer previsões mais prováveis.

Além disso, a metafísica empírica deweyana não se confunde com qualquer forma de empirismo. Ela rejeita o empirismo do tipo dualista segundo o qual existe somente o que experimentamos internamente na nossa mente e nessa experiência interna estão contidas todas as sensações provenientes do mundo exterior. Essa doutrina explica que o mundo externo nunca pode ser experimentado diretamente, nunca pode ser conhecido diretamente, a não ser por meio de ideias que estão em nossa mente como cópias das coisas experimentadas. Assim, como não é possível apreender o mundo externo, o sujeito faz associações de ideias, comparando-as umas com as outras, em busca daquela que melhor represente a realidade. Como não podemos saber qual ideia corresponde mais adequadamente à realidade, temos a tendência de cair no ceticismo. Foi contra isso que Dewey se insurgiu na trilha de Peirce e James, em busca de uma teoria antidualista⁵.

Ora, a interpretação equivocada de Rorty, como vimos, sugere que o conceito de *experiência* deve ser dispensado na obra de Dewey. No entanto, essa categoria é imprecindível à filosofia deste último, o que nos leva a realçar o caráter não-rortyano da filosofia de Dewey. Esse último procura, mostrar que a pesquisa metafísica pode ser realizada pragmaticamente, sem premissas axiomáticas, como afirma Hildebrand⁶. Isso quer dizer que a experiência possui caráter empírico. Dewey afirma que todo conhecimento intelectual envolve um método que nos conduz a um experimento. Nessa perspectiva, os nossos argumentos ou nossas objeções são, antes de mais nada, estímulos para a produção de novas experiências que partam de uma dada “situação”.

Ao contrário do que pensa Rorty, o Dewey cientista e historicista sabe que as hipóteses em funcionamento são sujeitas a modificações por meio das consequências que delas resultam. Dessa maneira, para Dewey, a revisão de concepções e princípios é um fenômeno da prática científica⁷. Esse postulado científicizante é o núcleo de toda a sua filosofia, cuja expressão está na relação entre a experiência e a natureza, relação essa que constitui sua metafísica empírica.

A metafísica de Dewey está presente como um fio condutor em toda a sua obra, de maneira que não considerá-la, como Rorty faz, significa perder a possibilidade de compreender a filosofia deweyana em sua integralidade. Dewey não vacilou teoricamente por ter produzido uma obra metafísica em *Experiência e Natureza*. Essa atitude de reconstrução do pensamento científico é uma marca constante em sua obra, que vai de *Reconstrução da Filosofia*, passando por *Experiência e Natureza* e chega a *Lógica: Teoria da investigação*. Portanto, é inaceitável afirmar que a metafísica de Dewey é apenas encontrada pontualmente numa determinada obra como

⁵ SHOOK, John R. *Os pioneiros do pragmatismo americano*. Trad. Fábio M. Said. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 35.

⁶ HILDEBRAND, David. *O Giro Neopragmatista*. Trad: Filipe Milagres Boechat: Rio de Janeiro: In: Revista Redescritção, n. 04, 2011, p. 94.

⁷ DEWEY, John. *Logic: The Theory of Inquiry*. New York. Henry Holt and Company., 1938, pp. 110-111.

Experience and Nature [Experiência e Natureza]. Muito ao contrário, ela está presente de maneira organizada e se encontra sistematizada nas três obras referidas.

Uma metafísica empírica como a desenvolvida por Dewey considera que as experiências vivenciadas pelos organismos envolvem distintas e complexas situações, mas têm em comum o princípio da adaptação dos seres humanos ao ambiente através de interações. A explicação deweyana da experiência não se limita a um tipo de antropocentrismo, nem a um determinado tipo de nominalismo como o de Rorty. Enquanto seguidor do evolucionismo, Dewey nos coloca em um lugar natural e considera que, por conta da nossa especial história natural, somos levados a organizar e estruturar com criatividade as formas pelas quais nos adaptamos ao ambiente. São essas formas que dão origem às formações histórico-sociais.

2. O caráter não rortyano da filosofia de Dewey

A partir desse ponto, vamos levantar argumentos que nos ajudem a confirmar o caráter não-rortyano da filosofia de Dewey. Em *Philosophy and Mirror of Nature [Filosofia e o Espelho da Natureza]* Rorty não apresenta explicitamente a sua crítica à suposta “recaída de Dewey na metafísica”. Ao contrário, seu objetivo ali é mostrar as possibilidades de sair do campo da epistemologia e do campo do mentalismo. Para tanto, Rorty se serve de autores como Dewey que, em sua opinião, representam esse papel na história da filosofia. O objetivo principal de Rorty é a apresentação de Dewey como pertencente ao quadro dos pensadores edificantes e terapêuticos, cujos propósitos serviram para a desconstrução do cartesianismo e do kantismo. É possível que Rorty tenha estrategicamente deixado para explorar o “Dewey metodológico” de *Experience and Nature* somente depois de o neopragmatismo ter-se consolidado como teoria.

Em *Consequences of Pragmatism, [Consequências do Pragmatismo]* Rorty declara, como sabemos, que o próprio Dewey revelou nas cartas a Arthur Bentley que deveria ter mudado o título e o assunto de *Experience and Nature [Experiência e Natureza]* para *Nature and Culture [Natureza e Cultura]*. Isto é fato, pois Dewey considerou mesmo a possibilidade de reescrever o livro como *Natureza e Cultura*, mas isso não significa que o livro assim modificado envolva uma alteração radical da filosofia deweyana, de modo a levar ao abandono da metafísica empírica.

Além disso, há certa tendenciosidade na crítica de Rorty a Dewey. A correspondência entre Dewey e Bentley trata de questões relativas à formulação de um vocabulário pragmatista e nela o primeiro se ressentia muito de ter usado o termo *experiência*, ligado à filosofia tradicional e responsável por muitas imprecisões. Ele se dizia cansado de justificar o uso desse termo. Entretanto Rorty preferiu trazer a seguinte fala de Dewey para justificar seu próprio combate à metafísica empírica.

I was dumb not have the need for such a shift when the old text was written. I was still hopeful that the philosophic word “Experience” could be redeemed by being returned to its idiomatic usages – which was a piece of historic folly, the hope I mean⁸.

Rorty acrescenta que, mais ou menos na mesma época em que escreveu a carta acima, Dewey abjurou suas tentativas de reabilitar o termo *metafísica*⁹. Mas, de acordo com Lavine, não foi exatamente assim que as coisas aconteceram. Por volta de 1932, Dewey teve acesso ao livro *Linguistic Analysis of Mathematics* de Arthur Bentley, que muito o fascinou. Esta obra confirmava o principal argumento projetado por Dewey para seus escritos posteriores na área da lógica¹⁰. Depois de um lapso de três anos, a correspondência entre ambos foi retomada em 1938, após a publicação de *Logic: The Theory of Inquiry*, de Dewey. O intercâmbio entre os dois autores se intensificou e sua colaboração progrediu até culminar com a publicação da obra conjunta *Knowing and the Known*. Dewey declarou a importância desse autor para sua “reciclagem” intelectual, em plenos 85 anos de idade. Ele pensava que àquela altura da vida não encontraria mais motivação para se atualizar em termos filosóficos. Mesmo assim, ele reconhece:

I don't feel a lot of your positions are divergent from mine. I think our different modes of approach complement each other. I hadn't at my age (I'm 85 in October) to get a 'refresher course' that really refreshed. I feel I've got it through this contact with you¹¹.

Os dois homens partilhavam o espírito da revolução cultural americana que ocorreu na virada do século. Existe uma forte presença hegeliana no pensamento de ambos. São defensores de uma filosofia de processo holístico e, por esse motivo, assumem uma posição antidualista, antifundacionista, antiabstracionista e antiformalista. Ambos tendem ao interpretativismo, em oposição ao positivismo e ao empirismo clássico. Podem ser considerados contextualistas e interacionistas. Dewey e Bentley compartilham um quadro teórico naturalista, baseado nas interações entre o organismo e o ambiente. Eles rejeitam a metafísica e a epistemologia tradicional.

⁸ DEWEY, John apud RORTY, Richard. *Dewey's Metaphysics*. In: *Consequences of Pragmatism*, Minneapolis: University of Minnesota Press, 1982, p. 72.

⁹ DEWEY, John apud Rorty, Richard. *Dewey's Metaphysics*. In: *Consequences of Pragmatism*, Minneapolis: University of Minnesota Press, 1982, p. 72.

¹⁰ LAVINE, Thelma Z. *America and Contestations of Modernity: Bentley, Dewey, Rorty*. In: *Rorty & Pragmatism – the Philosopher Responds to His Critics*, Nashville & London, Vanderbilt University Press, 1995, p. 37.

¹¹ LAVINE, Thelma Z. *America and Contestations of Modernity: Bentley, Dewey, Rorty*. In: *Rorty & Pragmatism – the Philosopher Responds to His Critics*, Nashville & London, Vanderbilt University Press, 1995, p. 38.

Ainda de acordo com Lavine, a colaboração intelectual que levou à produção de *Knowing and the Known* envolveu o desenvolvimento, por parte dos dois autores, de três projetos inter-relacionados: uma crítica dos lógicos formais, em defesa da concepção deweyana da lógica como teoria da investigação; uma crítica ao positivismo lógico (visto como uma ameaça ao pragmatismo); a construção de uma nova linguagem para o pragmatismo e para as ciências comportamentais. Aos poucos, o projeto de reforma da linguagem se tornou central para os dois autores, mas criou muitas dificuldades para Dewey. Com efeito, essa reforma exigia a criação de uma lista adequada de termos, sem ambiguidades e sem resíduos da tradição. Ora, a busca pelos mesmos mostrou a vulnerabilidade do pragmatismo deweyano quando tentava atender a esses requisitos. Inúmeros termos desse pragmatismo eram insatisfatórios, como *realidade, naturalismo, experiência, individuo, sujeito-objeto, situação problemática, etc*¹².

Assim, o aparato conceitual de *Knowing and the Known* fornece uma teoria da linguagem do pragmatismo e da ciência comportamental. São novas categorias, tais como: *postulação, comportamento, observação, identificação, especificação, fato, auto-ação, interação, transação, circularidade, cosmo do conhecimento*. Bentley inspirou-se em seu próprio texto e com a colaboração de Dewey pretendeu dar o próximo passo no desenvolvimento do pragmatismo: a filosofia da linguagem¹³. É certo que esse projeto não se concretizou, mas os dois autores chegaram a algumas formulações, dentre elas a da categoria de *transacionismo*, da safra de Bentley, que se associa à ideia de *interacionismo* em Dewey.

Em virtude do exposto acima, consideramos falsa a acusação de Rorty de que Dewey teria formalmente desistido de sua metafísica nas famosas correspondências trocadas no final da sua vida com Arthur Bentley. Dewey nunca desistiu do conteúdo filosófico a que se propôs em *Experience and Nature* [Experiência e Natureza]. No momento em que escreveu essa obra, Dewey não estava preparado para desistir do uso mais generoso de *experiência*, mesmo correndo o risco de imprecisão. Com o tempo, ele finalmente se cansou de defendê-lo e, neste artigo escrito no ano de seu nonagésimo aniversário, admitiu que a palavra não podia mais ser resgatada por causa das interpretações erradas que tinha motivado.

A partir da hipótese de que Dewey abjurou de sua metafísica, Rorty quer identificar nele uma tensão entre a atitude terapêutica e a postura científico-empírica em filosofia e passa a alegar que a primeira é mais forte em Dewey. Esperamos ter mostrado que esse não é o caso. A atitude terapêutica não é mais forte em Dewey do

¹² LAVINE, Thelma Z. America and Contestations of Modernity: Bentley, Dewey, Rorty. In: *Rorty & Pragmatism – the Philosopher Responds to His Critics*, Nashville & London, Vanderbilt University Press, 1995, p.40.

¹³ LAVINE, Thelma Z. America and Contestations of Modernity: Bentley, Dewey, Rorty. In: *Rorty & Pragmatism – the Philosopher Responds to His Critics*, Nashville & London, Vanderbilt University Press, 1995, p.42.

que a postura científico-empírica ou metafísica, porque as duas se complementam no pragmatismo deweyano. Embora em *Experience and Nature* [Experiência e Natureza] Dewey dê grande importância ao método científico-empírico aplicado à filosofia, a originalidade dessa obra está na articulação dialética entre esse método e a dimensão histórica e contingente da experiência humana. Nessa obra, Dewey não está apenas preocupado com o uso do método para compreender os problemas filosóficos, como afirma Rorty. Os críticos da interpretação desse último são enfáticos nesse ponto: se é verdadeiro o compromisso de Dewey com a ciência, também é verdadeiro o seu compromisso com o historicismo, uma vez que em Dewey estas dimensões se entrecruzam.

A abordagem pragmática de Dewey oferece um “tribunal da experiência”, ainda que mitigado, fornecendo assim alguma justificação provisória para o conhecimento. Para Dewey a garantia epistemológica decorre e remete à verificação experimental. Nesse sentido, uma proposição ganha validade à medida que adquire *assertividade garantida*. Essa última expressão designa o *status* atingido por uma proposição quando ela se torna garantida através do processo contínuo e auto-corretivo de investigação. Essa visão dinâmica do processo de conhecimento se opõe à imagem estática tradicional de uma proposição que adquire o *status* de conhecimento através de uma relação lógica com a experiência. A noção de *assertabilidade garantida* substitui, em Dewey, a noção tradicional de *conhecimento*. Esse último decorre de um processo de investigação e não de alguma atividade mental interna. Qualquer asserção garantida precisa ser refinada e justificada através de testes contínuos na experiência. Desse modo, não existe verdade absoluta conhecida por meio de alguma intuição racional. Além disso, o conhecimento não é um sistema de verdades fixas, e sim provisórias. Desse modo, as normas de garantia epistemológica são moldadas pelas circunstâncias históricas e sociais (Dewey historicista) e pelas situações experienciais (Dewey cientista).

Rorty pretende desconstruir a abordagem deweyana porque, na sua ótica, ela ainda permanece no âmbito na *comensuração*, constituindo assim uma alternativa ainda tradicional aos problemas filosóficos tradicionais. Ora, ele se recusa a oferecer “alternativas” desse tipo, propondo, em troca, um novo tipo de “escritura” em filosofia. Nessa perspectiva, ele oferece uma postura na qual a filosofia possa se transformar em hermenêutica. Com isso, Rorty propõe que abandonemos a *comensuração*, que pertence ao âmbito da epistemologia, para adotarmos a *conversação*, que pertence à dimensão da hermenêutica¹⁴.

O termo *comensurável* é usado por Rorty para indicar aquilo que pode ser colocado debaixo de um conjunto de regras que informam como se poderia obter consenso racional a respeito do princípio que resolve o problema em todos os pontos nos quais as afirmações parecem entrar em conflito. Essa definição nos permite

¹⁴ RORTY, R. *Philosophy and the Mirror of Nature*, Princeton: Princeton University Press, 1979, p. 316.

perceber o equívoco da interpretação de Rorty. Ao ver Dewey defendendo o processo de investigação como fornecendo as bases para a assertividade garantida, Rorty se apressa a enquadrá-lo em alguma forma de comensuração tradicional. Na realidade, Dewey está pensando em termos de um processo de investigação em que a própria comensuração pode ser colocada em xeque, dependendo da situação histórica envolvida. Num caso desses, os próprios critérios de comensuração podem ser reformulados. A “comensuração” proposta por Dewey não é absoluta, mas relativa. Ela não é definitiva, mas provisória. Os critérios deweyanos de “comensuração” são falíveis.

Ocorre que a saída encontrada por Rorty para não ficar mais restrito à epistemologia é uma mudança de método, mais ou menos semelhante ao que Dewey faz, quando propõe a utilização do método empírico em filosofia. Ao adotar a hermenêutica, Rorty parece estar seguindo inconscientemente a mesma trilha de Dewey na sua proposta de *Reconstrução da Filosofia*, uma vez que, ali, este último reivindica uma filosofia da ação, um saber que se transforme numa atividade, que seja instrumental no sentido ajudar a pensar e solucionar questões na vida prática dos homens. Esse saber ajudaria a construir novas relações com o mundo, não mais com a pretensão contempladora dos antigos ou com a pretensão dominante da ciência moderna, mas sim com a compreensão da complexidade e dos desafios para a produção de uma existência mais razoável em vista dos fins e dos valores humanos.

Dewey não pode ser enquadrado na categoria de filósofos que Rorty caracteriza como aqueles que “pensam da ciência natural o que os intelectuais pré-galileanos pensavam da religião, como sendo a área da cultura em que os seres humanos atingem o melhor de si”¹⁵. Ao contrário disso, Dewey foi quem melhor articulou áreas do conhecimento e criticou os hábitos culturais que determinaram a posição privilegiada da ciência em detrimento de outros saberes. Dewey sabe que tanto a matemática como física ou a poesia são úteis para o aperfeiçoamento da situação do homem, ou seja, são instrumentos para lidar com o mundo. Como vimos, ele pretende superar a tradição através da dissolução das oposições tradicionais.

Enquanto adepto dos reformadores sociais, Rorty usa a estratégia de incorporar apenas uma parte da filosofia de Dewey, a historicista, com a finalidade de atualizar o nosso autor e incorporar sua teoria ao neopragmatismo. Crítico da metafísica tradicional, Rorty acredita ter deslocado a questão da razão centrada no sujeito para a da razão comunicativa, centrada nas práticas sociais. Nesse sentido, ele concorda não só com o historicismo de Dewey, mas também com a tese de Habermas segundo a qual a razão comunicativa visa encontrar sempre pessoas que se disponham a escutar o outro lado, a conversar exaustivamente sobre o assunto em pauta, até que áreas de concordância sejam encontradas e, como consequência disso, aconteça o

¹⁵ RORTY, Richard. *Philosophy as Cultural Politics*: Philosophy Papers. Cambridge University, 2007, p. 132. v. 04.

cumprimento dos acordos resultantes desse esforço de conversação¹⁶. Mas Rorty concorda com Habermas na proposta de substituir a razão centrada no sujeito pela racionalidade comunicativa, desde que o pensador alemão não fale em “validade universal. Tanto no caso de Dewey quanto no de Habermas as acusações de Rorty são de que ambos permanecem no domínio da tradição filosófica que sobrecarregou a ideia de razão como faculdade humana e que de alguma forma estão em sintonia com o “verdadeiramente real”¹⁷.

Mas Rorty também considera Dewey o maior dos esquerdistas hegelianos. De acordo com ele, Dewey não via utilidade seja para a teodiceia, seja para o ideal de conhecimento absoluto. Rorty reconhece que Dewey estava mesmo preocupado era em ajudar as pessoas a resolver problemas¹⁸. Em nossa interpretação, Rorty acerta quando identifica o caráter pragmático da filosofia de Dewey no tocante à resolução de problemas, mas se equivoca ao afirmar que Dewey permanece preso à tradição disciplinar da metafísica tradicional.

Parece ser um procedimento corriqueiro em Rorty o interpretar os autores a partir de perspectivas que ajudem a explicar seu conversacionalismo ou que ajudem a esclarecer essa abordagem. Quando há concordância com Rorty, os autores são tidos como edificantes; quando não, são taxados de sistemáticos e seguidores de Platão. Com isso, a argumentação de Rorty perde em objetividade e ganha em retórica. Como não há objeto bem definido sobre o que pesquisar nos autores, ele termina promovendo uma espécie desintegração de seus sistemas e passa a idealizá-los em conformidade com suas convicções filosóficas, além de produzir um exagerado relativismo na sua interpretação.

O argumento de Rorty para propor o fim da filosofia e, de modo especial, da metafísica, está na falta de utilidade desta. Daí sua rejeição da metafísica empírica deweyana. Mas Ibri nos diz que a crítica de Rorty à metafísica é muito extremada.¹⁹ Esse autor nos pergunta se um pragmatista instrumentalista ou utilitarista como Rorty deveria rejeitar a metafísica teológica, enquanto fonte de crenças do senso comum, uma vez que ela deveria ser reconhecida pela sua utilidade para a vida humana, confortando os homens e trazendo-lhes esperança. A rejeição da metafísica teológica poderia ser menos uma questão epistemológica e mais uma reação contra as instituições religiosas, que incorporaram, à tendência humana para a transcendência, hábitos sociais e uma moralidade associada ao exercício do poder. Nesse caso, o

¹⁶ RORTY, Richard. *Philosophy as Cultural Politics*: Philosophy Papers. Cambridge University, 2007, p. 132. v. 04.

¹⁷ RORTY, Richard. *Philosophy as Cultural Politics*: Philosophy Papers. Cambridge University, 2007, p. 136. v. 04

¹⁸ RORTY, Richard. *Philosophy as Cultural Politics*: Philosophy Papers. Cambridge University, 2007, p. 139. v. 04.

¹⁹ IBRI, Ivo Assad. *Neopragmatism Viewed by Pragmatism - A Redescription*, 2011, p.4. (PRE-PRINT VERSION)

correto seria separar esses dois aspectos, ao invés de jogar ambos fora. Por isso, deflacionar a filosofia ao extremo poderia acarretar a supressão de seus componentes vitais. Mas talvez essa seja a estratégia de Rorty: uma vez tornada anoréxica, ela pode ser substituída pela literatura²⁰. Ora, pensamos que o argumento de Ibri pode ser adaptado para o caso da metafísica empírica deweyana: ela apresenta reconhecida utilidade para a vida humana, confortando os homens e trazendo-lhes esperança, com a vantagem de ser falibilista e não apelar para categorias e valores transcendentais.

Por essas razões, Dewey está sendo interpretado erroneamente por Rorty. Dewey se esforça muito para argumentar a favor do empirismo como características de um naturalismo metafísico, contra um subjetivismo desenfreado. A partir daí, ele argumenta não ser possível prescindir da objetividade enquanto padrão de pesquisa científica, embora considere também o papel do sujeito, das contingências, da autocorreção. Desse modo, a concepção de *ciência* em Dewey se desenvolve tanto contra o racionalismo clássico quanto contra o empirismo sensualista de Locke.

Dentre as inúmeras diferenças significativas entre o pragmatismo clássico de Dewey e o neopragmatismo de Rorty, aquela que marca as respectivas concepções filosóficas de ambos pode ser vista dessa maneira: enquanto Dewey se esforça no projeto de Reconstrução da Filosofia, a perspectiva adotada por Rorty tem como desaguadouro a ideia de uma etapa pós-filosófica. Ao contrário do que Dewey defende, Rorty pretende realizar uma desconstrução da filosofia como disciplina, para se opor tanto à tentativa de oferecer explicações sistemáticas e fundamentadoras da realidade quanto à ideia de trazer a aplicação do método científico para seu domínio. Ao se aliar à vertente lingüística, Rorty aceita a ideia de que é mais útil oferecer novos dispositivos teóricos, tais como o que ele chamou de “cultura literária”, do que ficar preso ao campo da comensuração. Assim, defende, para a etapa atual da história do pensamento, uma vertente “textualista”, segundo a qual o vocabulário da ciência é apenas um entre tantos outros. Esse aspecto do pensamento de Rorty, que compreende a filosofia como gênero literário, se opõe radicalmente ao projeto deweyano de reconstrução da mesma através do modelo de investigação de caráter científico.

3. O caráter não deweyano do “Dewey hipotético” de Rorty

Ao construir sua hipótese interpretativa sobre Dewey, Rorty atribui a nosso autor duas personalidades conflitantes: O Dewey “bom” e o Dewey “mau”. Como mostramos, Rorty não considera adequado que Dewey reconstrua conceitos da filosofia tradicional como *ciência*, *natureza*, *experiência* e *método*. Rorty pensa que se Dewey tivesse abandonado tais projetos estéreis poderia ter criado argumentos mais persuasivos e adequados contra a tradição filosófica. No entanto, conforme Rorty,

²⁰ IBRI, Ivo Assad. *Neoprgmatism Viewed by Pragmaticism - A Redescription*. 2011, p. 4. (PRE-PRINT VERSION)

Dewey não abandonou esses projetos. Esse é o “Dewey mau” que Rorty reprova. Mesmo assim, ele não se cansa de elogiar um suposto “Dewey bom”, que foi crítico da evidência, do fundacionismo e dos dualismos.

Na sua tentativa de “linguisticizar” Dewey, Rorty quer demonstrar que o “jovem Dewey” foi o Dewey “mau” que tentou seguir Locke e Hegel e ainda permaneceu no kantismo. Assim, ele atribui ao “velho Dewey” uma mudança de atitude que seria mais coerente com a sua doutrina: a realização de estudos sócio culturais sobre os problemas filosóficos em seus contextos específicos. Mas não nos parece adequada a hipótese de que haja um “primeiro” e um “segundo” Dewey. Não nos parece que, ao final de sua carreira, Dewey tenha desejado mudar de assunto e abandonar a sua metafísica em sentido atenuado. Aquilo a que ele se dispôs foi discutir se as palavras não-técnicas poderiam ser utilizadas de modo frutífero no discurso filosófico. Ao contrário de Whitehead, que desenvolve um novo vocabulário para expressar suas idéias, ou, pelo menos, muda radicalmente o uso ordinário das palavras para adequá-las às suas necessidades, Dewey, pelo menos até seus últimos anos, tenta limitar-se ao uso da linguagem comum.

A estratégia interpretativa de Rorty não é aceita por nós porque desfigura a obra do pragmatista clássico, considerando que deve ser aceita apenas a dimensão historicista de seu pensamento. A sua dimensão científicante deve ser rejeitada, especialmente a principal categoria da filosofia de John Dewey, que é a *experiência*. Rorty escreve que a contribuição que Dewey ofereceu ao pensamento filosófico foi a de ser crítico da tradição. Desse modo, a pretensão deweyana de oferecer uma metafísica, caracterizada pela descrição da realidade e pela descoberta dos traços gerais da mesma, a fim de iluminar as pesquisas e investigações futuras, foi rejeitada por Rorty.

Como podemos ver, Dewey se compromete em desenvolver um *naturalismo humanista* que tem como objetivo articular termos historicamente separados como *natureza* e *experiência*. Ora, subverter, como Rorty pretende, a noção de *experiência* na perspectiva do naturalismo-historicista de Dewey constitui uma tarefa que compromete todo o seu projeto. Somos contrários a tal tipo de interpretação, que altera o conceito original de *experiência* na obra de Dewey. Assim, Rorty erra em não considerar a *experiência* como sendo a parte essencial do pragmatismo de deweyano. Por isso, mostramos que não é adequado dividir o pragmatista clássico em um “Dewey mau” e um “Dewey bom”: há um pressuposto errôneo na apropriação de Rorty. Há um único Dewey na nossa interpretação historicista e cientista.

Referência

DEWEY, John. *Reconstruction in Philosophy*. Enlarged edition. With a new introduction by the Author. Boston: The Beacon Press, 1957.

_____. *Experience and Nature*. New York: Dover Publications, Inc., 1958.

_____. *The quest for Certainty: a study of the relation of knowledge and action.* Minton, Balch, 1929.

_____. *Essays in Experimental Logic.* 2 ed. Chicago: Chicago University Press. 2004.

_____. *The Influence of Darwin on philosophy.* New York, Henry Holt and Company. 1910.

_____. *Studies in Logical Theory.* University of Chicago Press, 1903.

_____. *How We Think.* New York. Forgotten Books. 1909.

_____. *Logic: The Theory of Inquiry.* New York. Henry Holt and company., 1938.

RORTY, Richard. *Philosophy and the Mirror of Nature,* Princeton: Princeton University Press, 1979.

_____. *Dewey's Metaphysics.* In: Consequences of Pragmatism. Minneapolis: University of Minnesota. Press, 1982, pp. 72-89.

_____. *Philosophy as a Kind of Writing: An essay on Derrida.* In: Consequences of Pragmatism. Minneapolis: University of Minnesota. Press, 1982,

_____. *Nineteenth-Century Idealism and Twentieth-Century Textualism.*In: Consequences of Pragmatism. Minneapolis: University of Minnesota. Press, 1982, pp. 139-159.

_____. *Contingency, Irony and Solidarity.* New York: Cambridge University Press, 1989.

_____. *The Linguistic Turn: Essays in Philosophical method.* Chicago:University of Chicago Press, 1997.

_____. Take care of freedom and truth Will take care o itself: interviews with Richard Rorty. MENDIETA, Eduardo (org). CA: Stanford University Press, 2006. p. 20.

_____. *Philosophy as Cultural Politics:* Philosophy Papers. Cambridge University, 2007, v. 04.

_____. *Dewey Between Hegel and Darwin.* In: Rorty & Pragmatism – the Philosopher Responds to His Critics. Nashville & London, Vanderbilt University Press, 1995.

_____. Response to Gouinlock. In: *Rorty & Pragmatism – the Philosopher Responds to His Critics,* Nashville & London, Vanderbilt University Press, 1995.

_____. Response to Lavine. In: *Rorty & Pragmatism – the Philosopher Responds to His Critics,* Nashville & London, Vanderbilt University Press, 1995, p. 53.

_____. *Objectivity, relativism and truth – philosophical papers 1*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

GEIGER, G. R. *John Dewey in Perspective - a reassessment*. N. York; Toronto; London: McGraw-Hill Book Co., 1958.

GOUINLOCK, James. *What Is Legacy of Instrumentalism? Rorty Interpretation of Dewey*. In: Rorty & Pragmatism – the Philosopher Responds to His Critics, Nashville & London, Vanderbilt University Press, 1995.

HILDEBRAND, David L. O Giro Neopragmatista. Trad: Filipe Milagres Boechat. Rio de Janeiro. Revista Redescições, n.04, 2011.

IBRI, Ivo Assad. *Kósmos e Noétos – A arquitetura metafísica de Charles S. Peirce*. São Paulo, Perspectiva/Hólon, 1992.

_____. *Neoprgmatism Viewed by Pragmaticism - A Redescription*. 2011, p. 10. (PRE-PRINT VERSION)

LAVINE, Thelma Z. *America and Contestations of Modernity: Bentley, Dewey, Rorty*. In: Rorty & Pragmatism – the Philosopher Responds to His Critics, Nashville & London, Vanderbilt University Press, 1995.

PINTO, Paulo Roberto Margutti e MAGRO, Cristina (orgs.). *Filosofia Analítica, Pragmatismo e Ciência*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.

PINTO, Paulo Roberto Margutti. *A abordagem pragmática do conhecimento*. In: VAITSMAN, Jeni; GIRARDI, Sábado (org.). *A Ciência e Seus Impasses. Debates e Tendências em Filosofia, Ciências Sociais e Saúde*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1999, p. 73-92.

SHOOK, John R. *Os pioneiros do pragmatismo americano*. Trad. Fábio M. Said. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

Doutorado em Filosofia (UFMG)
Professora do Departamento de Fundamentos da Educação DEFE/UFPI
E-mail magaledna@yahoo.com.br